

**MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Passados presentes: o golpe de 1964
e a Ditadura Militar**

Rio de Janeiro: Zahar, 2021. 336 p.

9786559790326 (brochura)

Thiago Fidelis

Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais, campus Passos
(UEMG)

“Deixa os historiadores para lá”: a História como arma de combate

Palavras-chave Ditadura Militar – Governo Bolsonaro – Negacionismo histórico.

“Leave the Historians Alone”: History as a Combat Weapon

Keywords Military Dictatorship – Bolsonaro Government – Historical Denialism.

“Dejen en paz a los historiadores”: la Historia como arma de combate

Palabras clave Dictadura Militar – Gobierno de Bolsonaro – Negacionismo histórico.

Submissão

27/02/2023

Aprovação

12/05/2023

Publicação

15/06/2023

Para lá de tantas tragédias e perturbações, grandes claridades brilham no horizonte. No sangue e na dor, cria-se uma Humanidade nova. E portanto, como sempre, uma História, uma Ciência histórica à medida de tempos imprevistos prepara-se para nascer.

Lucien Febvre, 1989

“Deixa os historiadores para lá”: a História como arma de combate

Publicado em 2021, o livro *Passados presentes*, do historiador Rodrigo Patto, dialoga em uma dupla perspectiva que, embora bastante comum em qualquer obra historiográfica, permeia toda a análise construída pelo autor: a relação do período em si estudado e da época em que a obra foi publicada. Se, normalmente, as perspectivas se cruzam e são perceptíveis pelos especialistas ou pelas estudiosas do assunto, nesse livro é praticamente impossível não compreender tal aspecto, uma vez que as intersecções entre as temporalidades são iminentes à praticamente todo o percurso feito pelo analista. Sendo assim, a obra caminha junto com a tradição de vários estudiosos de se posicionar em vários temas, como por exemplo Lucien Febvre em seu *Combates pela História*.¹

Na introdução, tal aspecto “salta aos olhos” pelas mãos do próprio autor: ao começar a obra com o título dessa resenha, uma frase proferida pelo então candidato à presidência da República, Jair Messias Bolsonaro, para o programa Jornal Nacional (Rede Globo) em 28 de agosto de 2018. Na ocasião, Bolsonaro criticou a fala do jornalista William Bonner quando este mencionava a posição defendida pelos historiadores especialistas de que a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985) se iniciou por um golpe de Estado. Visão amplamente refutada pelo então deputado federal, que

1 FEBVRE, L. *Combates pela História*. 3ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

lembrou que o fundador daquela empresa, Roberto Marinho, apoiara abertamente tal ação, assim como vários setores da sociedade naquele período.²

Como indica Marc Bloch, em sua obra *Apologia da História ou o ofício do historiador*: “O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa”.³ Ou, nas próprias palavras do autor, o objetivo do livro é o de “mostrar que os historiadores não devem ser ‘deixados para lá’ e, ao contrário, merecem ser lidos”, indicando também que os historiadores “são profissionais dedicados à produção de conhecimento sobre as ações humanas no tempo, com base em pesquisas, coleta de evidências documentais e análise lógico-racional dos resultados”. Por fim, o autor enfatiza que, por conta dessas características do trabalho do historiador, “certos grupos buscam desacreditar os pesquisadores acadêmicos, vistos como um obstáculo às tentativas de fazer prevalecer versões farsescas ou falseadoras da história”. Sendo assim, “os nostálgicos da ditadura pretendem substituir o saber acadêmico por suas opiniões, paixões e preconceitos”.⁴

Patto também deixa bastante evidente seu posicionamento político, indicando que é contrário ao golpe e à toda a estrutura ditatorial que se consolidou posteriormente. E, sendo essa obra voltada também àqueles que não são historiadores e historiadoras, há uma ênfase bastante importante do autor em indicar que, ao contrário do que se pode pensar, não existe nenhuma análise neutra. Segundo ele, “este é um livro comprometido com a democracia”, demonstrando um embate bastante óbvio com o grupo político que ocupava o poder no momento.

O livro por si só, embora traga algumas partes com contribuições originais do autor, estrutura, na verdade, um grande compilado de sua carreira de quase trinta anos

2 MOTTA, R. P. S. *Passados presentes: o golpe de 1964 e a Ditadura Militar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 9.

3 BLOCH, M. *A apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 75.

4 MOTTA, R. P. S. *Passados presentes: o golpe de 1964 e a Ditadura Militar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 15.

de pesquisador, com contribuições bastante importantes para a área, sendo destaque para *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*, *As universidades e o regime militar*, e *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil*.⁵ Obras que procuraram compreender, em perspectivas distintas, aspectos relacionados tanto o golpe civil-militar de 1964 no Brasil quanto à própria estruturação da ditadura no país e seus desdobramentos.

Dialogando com a bibliografia básica e os autores mais tradicionais no tema, o conteúdo em si não parte de uma novidade nem de um princípio inédito na área: todas as informações e abordagens podem ser encontradas nas referências apresentadas pelo autor como em outros textos sobre o assunto. No entanto, tal aspecto não diminui necessariamente o valor da análise. Sendo um livro de síntese, pensado igualmente para o público geral, a obra cumpre seu papel de condensar as informações; como em várias obras já lançadas, sobretudo em 2014, a exemplo de 1964, *História do regime militar brasileiro*, de Marcos Napolitano⁶ e *O golpe de 1964: momentos decisivos*, de Carlos Fico.⁷

Em seus onze capítulos, o pesquisador segue uma estrutura tradicional de base cronológica, comum em compêndios sobre o assunto, indo desde as movimentações no início da década de 1960, no governo de João Goulart, até o final do período ditatorial e a transição para a democracia na década de 1980. Patto nos guia para inúmeros aspectos de discussão do período, principalmente pelas perspectivas políticas e econômicas. Os dois primeiros capítulos giram em torno das movimentações política e institucional que levaram determinados grupos a pedirem pela deposição de João Goulart. Vários desses pontos dialogam diretamente com os capítulos 5 e 6, que trazem à tona posturas distintas após a consolidação da ditadura, já que alguns continuaram apoiando, outros

5 MOTTA, R. P. S. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006; Idem. *As universidades e o regime militar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014; Idem. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil*. 2 ed. Niterói: Eduff, 2020.

6 NAPOLITANO, M. 1964. *História do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

7 FICO, C. *O golpe de 1964: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2014.

não concordaram mas acomodaram-se às estruturas postas e, por fim, alguns passaram a oposição.

O terceiro capítulo aborda um dos temas mais estudados nesse últimos anos, a influência dos Estados Unidos e, de certa forma, de outros países no golpe e na consolidação da ditadura, levando em conta os interesses do contexto de Guerra Fria. O capítulo seguinte traz à tona toda a estruturação da máquina estatal ditatorial, dialogando diretamente com os capítulos 7, 8 e 9. Eles apresentam alguns elementos bastante caros às administrações militares, como a repressão estatal (tão negada e praticada nesses anos), as movimentações contra a corrupção (que sempre ficaram apenas na ordem do discurso) e a perspectiva econômica, que agregou apoio de parte significativa da população até a crise mundial de 1973, que desestabilizou por completo o cenário já frágil das finanças brasileiras. Por fim, os dois últimos capítulos conduzem a análise à parte final do período ditatorial, indicando como os militares, políticos e setores civis se mobilizaram no sentido de evitar uma transição que desfavorecesse àqueles que ocuparam o poder nesse período, fazendo com que, segundo o autor, nossa democracia não se consolidasse de maneira plena.

Embora o autor toque em outros assuntos, a análise das relações da política institucional do período é o ponto central da obra, trazendo vários elementos de negociações e do que ele chama de “acomodação”, que seria uma perspectiva bastante cara à cultura política brasileira e um dos fatores que dificultam o enfrentamento contra o legado da ditadura no país.⁸

Assim, o diálogo com o conceito de cultura política é um aspecto que se sobressai no livro. Pode ser compreendido como “orientações políticas específicas – atitudes em relação ao sistema político e suas variáveis, e atitudes para a sua própria orientação dentro do sistema”, podendo sintetizar “um conjunto de orientações para uma análise

8 MOTTA, R. P. S. *Passados presentes: o golpe de 1964 e a Ditadura Militar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 167-173.

mais aprofundada sobre os objetos sociais e seus desenvolvimentos”.⁹ Adepto dessa perspectiva, Patto indica que, ao optar pelo acomodamento ao invés do enfrentamento, muitos aspectos que deveriam ser problematizados do período ditatorial para a nova época de democracia acabaram não o sendo. “A democracia não se enraizou de maneira sólida [...], o que permitiu a segmentos da elite negociarem uma saída lenta da ditadura [...]. Além disso, as forças autoritárias não foram inteiramente desmobilizadas e permaneceram à espera de novas oportunidades”.¹⁰

Além dessa questão metodológica, o trato das fontes é outro grande destaque da obra. Várias das documentações utilizadas foram levantadas diretamente pelo autor em arquivos, sobretudo nos Estados Unidos, com informações bastante importantes e impactantes para o período. Patto sugere ainda alguns caminhos pelos quais futuras pesquisadoras e pesquisadores podem trilhar em suas trajetórias, existindo muitas abordagens por serem feitas e temáticas a serem exploradas.

Sendo assim, a principal distinção presente na obra é, de fato, o tom de enfrentamento adotado pelo autor, o qual indica que é de extrema importância pensar e analisar o período ditatorial de maneira crítica, tendo especial atenção para as Forças Armadas. Em sua conclusão, aponta que, ao alimentar um “antiesquerdismo visceral”, “primo-irmão do autoritarismo”, os militares se esqueceriam de sua função primordial e tenderiam a aventurar-se por ramos que não são de seu domínio, tentando ocupar cargos de lideranças políticas que não estão na sua alçada. “As Forças Armadas precisam aceitar que não é seu papel dirigir os destinos políticos do país, mas apenas cuidar da sua defesa contra eventuais inimigos externos”.¹¹

Por fim, *Passados presentes* é um manual que pode ser pensado em duas perspectivas. De um lado, é um ótimo guia para a compreensão das condições que

9 ALMOND, G. A.; VERBA, S. *The Civic Culture: Political Attitudes and Democracy in Five Nations*. 3ª ed. Newbury Park: Sage Publications, 1989. p. 12.

10 MOTTA, R. P. S. *Passados presentes: o golpe de 1964 e a Ditadura Militar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 173.

11 Ibidem. p. 308-309.

levaram ao golpe civil-militar de 1964 e todo o período ditatorial, bem como seus desdobramentos na contemporaneidade, escrita e indicada por um dos principais pesquisadores atuais sobre o assunto. De outro, é um livro de combate, expondo as armas que a historiografia crítica possui contra um governo que, em várias ações e declarações, demonstrou um amplo desprezo pela pesquisa histórica e pelos direitos humanos e valores que cercam o trabalho científico realizado, tendo em vista a negação da pandemia originada da COVID-19 e do aparelhamento ideológico feito no Ministério da Educação, além de inúmeras outras arbitrariedades cometidas nos quatro anos do governo Bolsonaro.

“Ditadura não. Nunca mais”.¹²

12 MOTTA, R. P. S. *Passados presentes: o golpe de 1964 e a Ditadura Militar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 309.